



A COTIDIANIDADE NOS POEMAS DE ADÉLIA PRADO E SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

EVERY DAY LIFE IN THE POEMS OF ADÉLIA PRADO AND SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira¹

Marta Botelho Lira²

Resumo

Neste artigo, propomo-nos a discutir a presença do cotidiano nas obras *A duração do dia*, de Adélia Prado, autora mineira, e *O búzio de Cós* e outros poemas, de Sophia de Mello Breyner Andresen, poeta portuguesa, tendo sido escolhidos para discussão os poemas “A imagem semelhante” e “A activista cultural”. Os elementos da cotidianidade nos poemas serão respaldados pelas ideias de Agnes Heller, em *O cotidiano* e a *História*, para quem o cotidiano é heterogêneo, hierárquico e impregna de valores cada momento da vida, e para quem a cotidianidade reside nas formas particulares de o homem viver, pensar e agir no mundo. Também os comentários dos referidos poemas serão fundamentados pelo pensamento de Henri Lefebvre, em *A vida cotidiana no mundo moderno*, em que o autor aborda as dicotomias da vida cotidiana que podem manter seu equilíbrio ou desequilíbrio, discute seu caráter cíclico e ressalta que a cotidianidade corresponde à possibilidade de transformação do modo de vida em decorrência de outras demandas ou reivindicações dos indivíduos. O seguinte artigo corresponde a parte do resultado do projeto de pesquisa intitulado “Imagens do sagrado na poesia de Adélia Prado e de Sophia Andresen – estudo comparado”, no qual demonstramos a presença do sagrado em diversas ações da vida do dia-a-dia. O mencionado projeto está cadastrado no Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP, na linha de pesquisa Poesia em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM; financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa³ do Estado do Amazonas – FAPEAM.

Palavras-chave: Cotidiano; Agnes Heller; Henri Lefebvre; Adélia Prado; Sophia de Mello Breyner Andresen

Abstract

In this article, we propose to discuss the presence of daily life in the books *A duração do dia*, by Adélia Prado, writer from Minas Gerais, and *O búzio de Cós* e outros poemas, by Sophia de Mello Breyner Andresen, portuguese poet, having been selected for discussion the poems “A imagem semelhante” and “A activista cultural”. The elements of everyday life in the poems will be backed by the ideas of Agnes Heller, in *Everyday life*, for her everyday life is heterogeneous, hierarchical and impregnated with values every moment of life, and everyday life resides in the particular forms of people live, think and act in the world. Also the comments of the mentioned poems will be based on the thought of Henri Lefebvre, in *Everyday life in the modern world*, in which the author speaks the dichotomies of the daily life that can conserve balance or disequilibrium, it discusses its cyclical character and it emphasizes that the daily corresponds to the possibility to transform the way of life is a result of other demands or claims of people. This article corresponds to part of the result of the research project with name “Imagens do sagrado na poesia de Adélia Prado e de Sophia Andresen- estudo comparado”, we demonstrate the presence of the sacred in various actions of everyday life. The mentioned project is registered in no Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP, in the research line Poetry in Portuguese Language, by Universidade Federal do Amazonas – UFAM; it is funded by Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM.

Key-words: Daily, Agnes Heller, Henri Lefebvre, Adélia Prado; Sophia de Mello Breyner Andresen

¹ Teresa Lenzi possui Pós-doutorado na Universidade de Barcelona/Facultad de Geografía e historia (2013-14), Doutora em História, teoria e crítica da arte pelo programa de Arte Contemporânea e Investigación, da Universidade de Castilla La Mancha, UCLM /Espana.

1. Introdução

Fernando Paixão, em *Primeiros passos*, escreve que a poesia permite ao leitor novas percepções do mundo a sua volta e a compara ao fogo: “a poesia age como um fogo rápido que esquenta a frieza do dia-a-dia e desvenda fatos reais através de uma lente especial: a sensibilidade” (PAIXÃO, 1991, p. 119). A poesia de Adélia Prado nos permite ser mais sensíveis às situações ocorridas no cotidiano, como pode ser lido em “A imagem semelhante” quando o eu lírico faz com que o leitor reflita sobre a situação retratada no poema. Na poesia da portuguesa Sophia Andresen, conforme lemos em “A activista cultural”, o eu lírico toca o senso crítico do leitor ao mostrar a ausência da postura crítica de uma jovem perante um monumento em que está contida parte da história do homem.

As poetisas não têm o intuito de informar didaticamente ou doutrinar, mas sim revelar aos leitores a realidade por meio das suas subjetividades, de seus modos de olhar e escrever poeticamente sobre determinados momentos plenos de significados ou esvaziados de significado. Isso as torna pessoas ativas, pois, de certo modo usam as palavras como armas quando mostram, com as individualidades de suas linguagens poéticas, uma visão crítica ou encantada sobre a vida cotidiana.

Tanto na poesia de Adélia Prado quanto na de Sophia Andresen existe a preocupação de retratar o cotidiano de modo semelhante ao cotidiano definido por Agnes Heller em *O cotidiano e a História*, e por Henri Lefebvre, em *A vida cotidiana no mundo moderno*, filósofos cujas ideias serão empregadas em comentários nos poemas das autoras.

2. A vida cotidiana

O cotidiano é vivido por todos, conforme a autora Agnes Heller, em *O cotidiano e a História*. Nele se encontram as emoções de cada indivíduo. Em razão disso, principalmente, a vida cotidiana é considerada heterogênea. Considerando que o indivíduo apresenta um modo particular de ver a vida, a cotidianidade consiste nas individualidades, nos modos de expressar os sentimentos, nas formas particulares de o homem viver e agir no mundo. Assim, na vida cotidiana podem surgir acontecimentos similares para muitos indivíduos relativamente às necessidades dos seres humanos, a seus sentimentos, contudo a manifestação destes sentimentos ocorre de diversos e diferentes modos devido à cotidianidade favorecer a escolha para vivenciá-la por meio de motivações que podem ser morais, amorais ou indiferentes a umas e a outras.

Heller aponta as divisões na vida cotidiana: organização do trabalho e da vida particular, lazeres e descansos, atividades sociais sistematizadas, intercâmbio e purificação, divisões que têm como características a hierarquização e a heterogeneidade. Essas duas categorias possibilitam o entendimento da produção e reprodução de bens materiais e imateriais e se referem a formas de permuta. Elas são interdependentes e ambas integram a vida do homem desde a pré-história. A autora lembra que a vida cotidiana não é vivida sempre de forma saudável. Determinadas vezes, por não ter tempo de usufruir de boa parte da beleza cotidiana em razão da quantidade de funções que o indivíduo precisa exercer na comunidade, e as funções muitas vezes impõem a ele um ritmo automatizado, em que ele é obrigado a seguir o tempo marcado pelo relógio. Por isso, raramente ele tem tempo para o ócio. O indivíduo, conforme Heller, nasce inserido em uma sociedade e ao chegar à idade adulta ele amadurece para a cotidianidade, alcança o domínio de manipular as coisas importantes para o funcionamento da sociedade, passa a ter valor, pois consegue viver no mundo das integrações maiores, demonstrando autonomia para viver em uma sociedade. Ele não é apenas um ser singular por apresentar características genéricas - necessidades básicas e sentimentos -, mas se torna o que Agnes Heller chama de humano-genérico porque passa a ser

produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; mas o representante do humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas [é] sempre a integração (tribos, demos, estamento, classe, nação, humanidade) - bem como, frequentemente [é], várias integrações - cuja parte consciente é o homem e na qual se forma “sua consciência de nós” (HELLER, 2016, p. 40).

O humano-genérico é o indivíduo integrado a um ou mais grupos, e essa integração instala-se na consciência que ele adquire de si e de nós como coletividade. Assim, há a ligação entre a particularidade individual e a particularidade social, em que o eu singular que existe no indivíduo entra em sintonia - nem sempre completamente - com o eu coletivo e adere aos costumes e pensamentos da comunidade. Por meio das similaridades dos comportamentos, o indivíduo pode ou não ser aceito na sociedade. Heller comenta que a particularidade social da assimilação ocorre de maneira única e irrepetível por parte de cada indivíduo, o qual emprega os comportamentos assimilados na realidade social e mostra a capacidade de manipulação daquilo que ele assimilou. Além disso, Agnes esclarece que é o homem que constrói a história da humanidade com sua relação consciente com a sociedade, nele prevalecendo a consciência de nós, das demandas coletivas, sem abandonar a consciência do eu.

Devido ao risco de prevalecer a particularidade sobre a genericidade, a ética se torna uma necessidade do grupo, segundo a filósofa. Isso ocorre nas ocasiões em que aumentam as possibilidades de determinados fatos individuais dominarem o humano-genérico e, em vez de ser priorizado o interesse social, priorizar-se a questão individual. A ética é a

motivação moral que funciona predominantemente como inibição ou veto ao excesso de liberdade do indivíduo que possa comprometer a estrutura humano-genérica. Além de possuir função de inibir ou de vetar, a moral também possui a função de transformar ou culturalizar uma aspiração do indivíduo. Neste caso, a aspiração individual irá se tornar num elemento humano-genérico, segundo Heller.

Na formação do homem-genérico há preconceitos que, para a autora, se constituem de exemplo particular de juízo provisório formado por unidades imediatas de pensamento e ação. Esta categoria, o preconceito, pode muitas vezes se mostrar no comportamento e no pensamento do indivíduo, mesmo daquele que é responsável por desempenhar papéis sociais importantes. O preconceito é ultrageneralizado porque ele formata estereótipos que podem ser voláteis, passageiros ou podem se espalhar na sociedade, permanecendo por muito tempo, tornando-se senso comum.

A escrita poética de Adélia Prado possui temas convergentes das ideias de Heller quando alude às inter-relações da particularidade e da genericidade do indivíduo, sendo verificado, em alguns textos da poetisa mineira, o levantamento de questões éticas, por exemplo o alerta para o homem cuidar do ecossistema da Terra em vez de usar seus recursos com propósitos exclusivos de lucro. Os poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen também remetem ao olhar crítico de Agnes Heller sobre o indivíduo como alguém que tem traços particulares e ao mesmo tempo assume comportamentos da sociedade quando a poetisa portuguesa cria, nos poemas, realidades em que a sintonia entre o homem e a natureza é possível e quando critica os comportamentos negativos ao próprio indivíduo e à sociedade que o indivíduo repete sem tomar consciência de que eles são prejudiciais a si e a toda a sociedade. Tais comportamentos geralmente estão relacionados com alguns papéis sociais que são impostos apenas a determinados membros da sociedade e que os tornam autômatos e os marginalizam, impedindo-os de tomar consciência de si pela qual talvez pudessem mudar seus comportamentos e contribuir muito mais para a sociedade.

A obra *A vida cotidiana no mundo moderno*, de Henri Lefebvre trata do cotidiano que não é mostrado nos livros de história, jornais ou noticiários, pois estes fazem um recorte da vida que pouco ou nada valorizam o cotidiano. Conforme Henri,

Você vai, então, à Biblioteca Nacional e consulta a imprensa. Ali encontra banalidades, acidentes, as resoluções das pessoas importantes da época, uma grande quantidade de informações empoeiradas e de notícias deterioradas, indicações suspeitas sobre as guerras e revoluções do momento. Você não encontra quase nada que permita prever o que aconteceria, o que se preparava escondido nas profundezas dos tempos. Por outro lado, você não encontra muita coisa sobre a maneira como as pessoas sem importância viveram esse dia (LEFEBVRE, 1991, p. 5-6).

Para Lefebvre, ao contrário destes textos da imprensa, a publicidade e a literatura ressaltam de forma sutil os acontecimentos e a linguagem da vida cotidiana:

Ulisses é o antípoda da narração que articula figuras estereotipadas, e também do romance tradicional que conta a formação de um indivíduo, a ascensão e o declínio de uma família, o destino de um grupo. O cotidiano entra em cena revestido pelo épico, por máscaras, por vestimentas e por cenário (LEFEBVRE, 1991, p. 7).

Henri destaca em *Ulisses* que não há a preocupação em representar a vida cotidiana do ponto de vista da tradição, mas sim procura uma verossimilhança com a realidade a partir do imaginário do autor.

Este filósofo escreve que a vida cotidiana é composta de “ciclos e entra em ciclos mais longos” (LEFEBVRE, 1991, p. 11), tendo em vista que existe nela um caráter de repetição: movimentos mecânicos, as horas, os dias. Ela se constitui na produção que o homem realiza na sua própria vida com as mediações das instituições sociais, produção que envolve a reprodução de instrumentos para as necessidades materiais quanto das relações sociais. De acordo com Lefebvre, a produção se verifica em dois aspectos da vida cotidiana: o resíduo “(de todas as atividades de determinadas parcelas que podemos considerar e abstrair da prática social) e o produto do conjunto social” (LEFEBVRE, 1991, p. 39). As relações de produção tornam a vida cotidiana lugar de equilíbrio ou de desequilíbrio: o primeiro caso é marcado pela reprodução do cotidiano, enquanto o segundo é marcado pela revolução na produção pela impossibilidade de os indivíduos viverem a cotidianidade.

Para Henri Lefebvre o conceito de cotidianidade não é originado do cotidiano nem o representa, pois, esse conceito “exprime antes de tudo a transformação do cotidiano com o possível em nome da filosofia” (LEFEBVRE, 1991, p.19). Por isso, Lefebvre declara que o cotidiano é objeto da filosofia e cita o exemplo de Sócrates que tratava de questões corriqueiras, sobre objetos.

Lefebvre assim define o cotidiano:

O cotidiano é humilde e sólido, aquilo que vai por si mesmo, aquilo cujas partes e fragmentos se encadeiam num emprego do tempo. E isso sem que o interessado tenha de examinar as articulações dessas partes. É, portanto, aquilo que não tem data. É o insignificante (aparentemente); ele ocupa e preocupa, no entanto não tem necessidade de ser dito, é uma ética subjacente ao emprego do tempo. (LEFEBVRE, 1991, p. 31)

É um modo de viver que precisa ser muito mais experimentado que dito, contudo é importante pensar e dizer o cotidiano, pois é por meio dele que se caracteriza a sociedade, a qual gera a modernidade e a cotidianidade.

As revoluções significam, para o autor, a ruptura do plano econômico, político e ideológico, como também a interrupção da vida cotidiana, como na Revolução Francesa, pois os comportamentos de vida existente foram interrompidos pelos responsáveis da revolução e em seguida se criou outro modo de vida. Houve, no entanto, um período de readaptação, de transição, em que um novo sentido para o cotidiano foi criado.

A ideia de Lefebvre de que a cotidianidade corresponde àquilo que poderia acontecer no ritmo corriqueiro da vida que pudesse romper com esse ritmo no sentido de provocar uma abertura para descobrir outros significados na vida mostra-se nas obras de Adélia Prado e de Sophia Andresen à medida que seus olhares atenciosos e extremamente críticos para os indivíduos e as coisas tanto fazem com que elas neles revelem realidades que um olhar do senso comum não descobriria e, com as imagens poéticas criadas a partir de seus olhares, oferecem ao leitor a abertura para ver também, nos momentos construídos com as palavras do poema, outras verdades que desestabilizam uma verdade que o leitor possa acreditar que seja a única. Assim, a cotidianidade rompe o modo de viver automatizado que turva o olhar e pode gerar a possibilidade para que se faça a reflexão sobre tantos outros sentidos da vida.

3. A cotidianidade nos poemas “Imagem semelhante” e “A ativista cultural”

IMAGEM SEMELHANTE

O gorila recolhido órfão

Ao cativo urbano

ganha comida e afagos.

Mesmo assim,

bate a cabeça na jaula,

saudoso do que não viveu,

rumor de folhas, cheiros,

perigos na mata e a mãe.

Quero salvar o gorila

na sua língua de bicho.

Quando morre para onde vai sua alma,

a quem serve sua dor,

seu tristíssimo olhar de desgarrado?

Há meninos assim, mas são humanos,

parece um horror menor.

Atracado às grades o gorila me olha,

É proibido, mas lhe dou bananas.

(PRADO, 2011, p. 34)

O eu lírico compara o comportamento do gorila que sente saudades de sua mãe na mata com o ser humano, por isso

o título do poema: “Imagem semelhante”. A voz poética permite pensar que o gorila pode ter saído novo do seu habitat: “saudosos do que não viveu”, pois as experiências que ele poderia ter na floresta foram arrancadas dele no momento em que ele foi para o zoológico. Fica apenas com as poucas lembranças que tem do seu habitat, dos seus laços: rumor de folhas, cheiros/ perigos na mata e a mãe”.

Mesmo tendo algum cuidado, o gorila continua triste: “ganha comida e afagos./ Mesmo assim,/ bate a cabeça na jaula”. O eu lírico descreve toda essa emoção ao analisar o comportamento do gorila inquieto: “bate a cabeça na jaula”. Essa inquietação, frequentemente atribuída aos seres humanos, é mostrada no gorila órfão, o que indica ser ele ainda filhote e necessitar da atenção da mãe. Assim, as emoções que erroneamente são consideradas apenas como próprias do homem são reveladas na imagem de um animal desprotegido e colocado num “cativeiro”.

O “cativeiro” onde se encontra o animal corresponde ao zoológico em que muitos animais ficam à exposição e são maltratados, e a palavra “cativeiro”, empregada no lugar de zoológico, denuncia a opinião do eu lírico a respeito dos zoológicos, onde os animais ficam confinados a um espaço restrito, recebem a alimentação em horários determinados, modificando todo o modo de vida que eles levam na natureza.

A aversão ao zoológico ainda se mostra quando o eu lírico escreve que a dor do gorila remete a algumas crianças que se encontram em situação de abandono, mas que a situação do gorila é mais horrível que a situação dessas crianças porque elas são humanas: órfãs, desgarradas da vida, tristes: “Há meninos assim, mas são humanos,/ parece um horror menor.” Neste versos está implícita a ideia de que as crianças, embora abandonadas, estão entre os seres da sua espécie, enquanto o gorila foi afastado de sua espécie, e que, além de não cuidar de alguns membros de sua espécie, os humanos expõem os seres das outras espécies a situações dolorosas.

O instante em que o eu lírico observa o comportamento do gorila no zoológico e compara sua tristeza com a de algumas crianças abandonadas caracteriza-se como o momento do ócio, tão necessário para o indivíduo refletir sobre a vida, mas que é pouco usufruído, conforme escreve Agnes Heller:

O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em todas as suas intensidades (HELLER, 2016, p. 35).

Nesse momento de ócio do poema, o eu lírico vive de forma intensa ao ponto de perceber que o sofrimento do gorila é maior que o das crianças abandonadas. A voz poética coloca-se como defensor do animal enjaulado e declara sua compaixão por ele: “Quero salvar o gorila/ na sua língua de bicho [...] Atracado às grades o gorila me olha, /É proibido, mas lhedou bananas.” Nessas palavras, observa-se que, ao olhar crítico do eu lírico, junta-se a sua ação transgressora de romper com a proibição de que os visitantes do zoológico alimentem os animais.

As reflexões e a atitude transgressora do eu lírico lembra a observação de Henri Lefebvre de que há desequilíbrio na reprodução das relações sociais que impedem ao indivíduo viver a cotidianidade. No poema de Adélia Prado, o eu lírico levanta uma questão que tem gerado debates científicos entre os grupos de defesa dos animais selvagens que contestam qualquer tipo de alocação desses animais em zoológicos e grupos favoráveis a determinados modelos de zoológicos, e esses discursos oponentes podem gerar novas condutas do homem com a fauna de modo geral.

No poema de Sophia Andresen transcrito a seguir, há também o olhar crítico que decorre de uma experiência na vida cotidiana, embora o modo de se posicionar seja diferente daquele comentado acima no poema de Adélia Prado.

A ACTIVISTA CULTURAL

O passo decidido não acerta com o cismar do palácio

O ouvido não ouve a flauta da penumbra

Nem reconhece o silêncio

O pensamento nada sabe dos labirintos do tempo

O olhar toma nota e não vê

(ANDRESEN, 2004, p. 18).

No poema de Sophia Andresen, o eu lírico descreve uma mulher jovem que anda num palácio e que olha as coisas de modo superficial, parecendo não ter interesse em aprender algo daquele local: “O passo decidido não acerta com o cismar do palácio”. Ela não olha para dentro do palácio com atenção, apenas passeia pelo palácio. Essa falta de interesse é vista

desde os primeiros versos do poema até o último. A audição e a visão da mulher não são aguçadas naquele momento importante para conhecer a história do palácio em razão do desinteresse: “O ouvido não ouve a flauta na penumbra/ Nem reconhece o silêncio”. Essa mulher não percebe que no plácio está parte da história da humanidade e assim a história dela também: “o pensamento nada sabe dos labirintos do tempo”. A mulher parece pensar somente nela, na sua individualidade, numa atitude egocêntrica, como se estivesse apenas fisicamente no ambiente, mas seus pensamentos estivessem em outro lugar. E embora a mulher esteja em uma atividade de lazer - uma visita turística a um palácio que certamente é um museu -, ela não aproveita o momento para praticar o ócio. Contrariamente ao comportamento dessa mulher, Heller desenvolve a ideia de que o indivíduo deve usar todas as suas habilidades para valorizar a vida. Segundo a filósofa,

a vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem que participa na vida cotidiana com todos os aspectos de uma individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. (HELLER, 2016, p. 35).

A mulher descrita no poema acima não vive de forma intensa, não usa seus sentidos – audição, olhar e a direção enquanto caminha -, quando não aproveita o momento para conhecer um pouco da história preservada no castelo e que poderia lhe despertar reflexões a respeito dos modos de pensar e agir dos antigos, da mobília e dos costumes dos indivíduos que viveram no palácio. Se retomarmos o conceito de cotidianidade de Henri Lefebvre de que ela retira a atividade criadora oculta no cotidiano podemos afirmar que a mulher não usufrui da cotidianidade porque sua visita a um lugar histórico talvez se dê apenas porque ela não consegue perceber a importância de buscar conhecer a si e à sociedade, apesar dos museus e outros monumentos serem lugares repletos de materiais que narram a vida do homem em determinado período e que permitem ao homem conhecer épocas distantes. Ela não usufrui daquele lugar que poderia lhe propiciar esse momento de reflexão. Disso decorre o desdém do poeta que observa e descreve a mulher.

4. Considerações finais: Compaixão e ironia

Os dois poemas aqui comentados tratam de momentos de lazer de um indivíduo que não se sabe se é homem ou mulher num zoológico, e de uma mulher num museu. Contudo, em “Imagem semelhante” o eu lírico se importa com o ambiente a sua volta e vive aquele momento de forma intensa ao ponto de se solidarizar com o gorila, enquanto no poema “A ativista cultural” a mulher não se preocupa com o meio onde está inserida, não vive o que o ambiente pode propor a ela, apenas ignora.

O modo de criar as imagens poéticas nos poemas acima transcritos mostra as individualidades poéticas das autoras. Sophia Andresen usa a ironia, enquanto Adélia usa a compaixão. Assim, Cada uma tem seu modo especial de escrever e de levar o leitor a refletir sobre as variadas questões que envolvem o cotidiano.

Referências

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **O búzio de Cós e outros poemas**. Edição revista. Portugal: Caminho, 2004.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Tradução por Carlos Nelson Coutinho 11.ed. São Paulo: Paz e Terra. 2016.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- PAIXÃO, Fernando. **Primeiros passos: O que é poesia?** São Paulo: Círculo do livro, 1991.
- PRADO, Adélia. **A duração do dia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record. 2011.